

AS REVELAÇÕES DE JULIANA DE NORWICH NO BRASIL: ANÁLISE COMPARADA DE TRÊS TRADUÇÕES PARA O PORTUGUÊS

THE REVELATIONS OF JULIAN OF NORWICH IN BRAZIL: A COMPARATIVE ANALYSIS OF THREE TRANSLATIONS INTO PORTUGUESE

Fernanda Cardoso NUNES⁴²
Yasmin de Andrade ALVES⁴³

Resumo: Este trabalho busca realizar uma análise comparada das três traduções brasileiras da obra *A Revelation of Love* (c. 1395), de autoria da mística inglesa Juliana de Norwich (c. 1343 – c. 1416). As referidas traduções foram publicadas nos anos de 2018 e 2023. Com os títulos de *Revelações do Amor Divino* e *Revelações sobre o amor divino*, inserem a autora dentro do contexto dos estudos teológicos e devocionais, bem como do sistema literário brasileiro, visto que a autora é considerada a primeira grande prosadora da Literatura Inglesa. A primeira tradução foi publicada pela Paulus em 2018, é de autoria de Marcelo Masson Maroldi e constitui uma tradução feita a partir de uma tradução para o inglês moderno de Grace Warrack de 1901, cujo manuscrito original se encontra no Museu de Londres. A segunda é de autoria de Maria Elizabeth Hallak Nielson a partir do manuscrito Sloane da British Library (c.1650). A terceira é de autoria de Marcelo Musa Cavallari e contém as versões curta e longa do referido texto. Buscaremos, portanto comparar as traduções utilizando-nos da seguinte fundamentação teórica: Berman (1995, 2007), Britto (2012), Lefevere (2009), e Gentzler (2009). Com a pesquisa, percebemos que os dois primeiros tradutores apresentam os elementos religiosos do texto em detrimento dos elementos estéticos e literários do mesmo. Já o terceiro tradutor busca enfatizar mais o teor literário das revelações da anacoreta.

Palavras-chave: Literatura Inglesa Medieval; Tradução; Juliana de Norwich.

Abstract: This research seeks to carry out a comparative analysis of the three Brazilian translations of the work *A Revelation of Love* (c. 1395) by the English mystic Julian of Norwich (c. 1343 – c. 1416). These translations were published in the years 2018 and 2023. With the titles *Revelações do Amor Divino* and *Revelações sobre o amor divino*, they place the author within the context of theological and devotional studies, as well as into the Brazilian literary system, since the author is considered the first great prose writer in English Literature.

The first translation was published by Paulus in 2018 and it was carried out by Marcelo Masson Maroldi and constitutes a translation based on a translation into modern English by Grace Warrack from 1901, whose original manuscript is in the London Museum. The second was made by Maria Elizabeth Hallak Nielson from the Sloane manuscript in the British Library (c.1650). The third is written by Marcelo Musa Cavallari and contains the short and long versions of the aforementioned text. We will therefore aim to compare the translations using the following theoretical foundation: Berman (1995, 2007), Britto (2012), Lefevere

⁴² Doutora em Letras pelo PPGL/UFPB, com estágio doutoral na Universidade Nova de Lisboa-Portugal. Professora Adjunta I de Literaturas de Língua Inglesa UECE-FAFIDAM. E-mail: fernanda.cardoso@uece.br

⁴³ Doutoranda em Estudos Clássicos e Medievais (PPGL/UFPB). Professora Efetiva da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco. E-mail: yasminandradealves99@gmail.com

(2009), and Gentzler (2009). Through this research, we realized that the first two translators present the religious elements of the text to the detriment of its aesthetic and literary elements. The third translator seeks to emphasize more the literary content of the anchoress's revelations.

Keywords: Medieval English Literature; Translation; Julian of Norwich.

Introdução

Neste estudo, buscaremos realizar uma análise comparada das três traduções brasileiras da obra *A Revelation of Love* (c. 1395), de autoria da mística inglesa Juliana de Norwich (c. 1343 - c. 1416) e considerada a mais antiga produção literária em língua inglesa. Focaremos, mais especificamente, por conta do espaço, nas traduções do trecho referente à “Primeira Revelação”, visto ser uma obra constituída de dezesseis revelações. As traduções foram publicadas nos anos de 2018 e 2023. Com os títulos de *Revelações do Amor Divino* e *Revelações sobre o amor divino*, inserem a autora dentro do contexto dos estudos teológicos e devocionais, bem como do sistema literário brasileiro, posto que a autora é considerada a primeira grande prosadora da Literatura Inglesa. A análise, que visa descrever e, a partir dessa descrição, comparar as traduções de um mesmo texto – no caso, o texto em prosa medieval –, pode esclarecer acerca de métodos tradutórios e questões literárias que elucidam escolhas e tendências do fazer tradutório.

É válido, nesse sentido, contextualizarmos a obra de Juliana de Norwich no medievo e trazermos à tona aspectos da mística medieval, sobretudo de autoria feminina. Desde a Alta Idade Média, é possível identificar mulheres escritoras, principalmente no âmbito religioso, pois, nele, estavam livres das obrigações do casamento e dos cuidados com os filhos, podendo envolver-se no trabalho intelectual. De certa forma, a prática religiosa abria espaço para que as mulheres fossem alfabetizadas e tivessem contato com a literatura do período, de modo que os próprios mosteiros eram espaços propícios ao estudo.

As obras produzidas por mulheres passam a permear temáticas diversas, a exemplo da escritora Hildegarda de Bingen. Dentre essas temáticas, podemos identificar uma tradição mística que inclui produções daquelas que não pertenciam necessariamente ao espaço oficial da Igreja, como as beguinhas, que formavam um grupo independente de mulheres religiosas dedicadas às práticas devocionais e mendicantes. A respeito delas, destacamos nomes como Marguerite Porete e Hadewijch d’Anvers, ambas da Baixa Idade Média, entre os séculos XIII e XIV.

Sendo, em sua imensa maioria, escritos teológicos, um debate é formado, posto que, mesmo com afirmações teológicas, às mulheres é conferido o título de místicas, ao passo que, aos homens, o título de teólogos. A respeito disso, cabe-nos enfatizar que, conforme defende Lieve Troch (2012), as mulheres desejavam se expressar de uma maneira distinta da teologia clássica. A mística, dessa forma, é tida aqui como experiência de união íntima com Deus. Esse caráter místico está presente em muitas obras feitas por mulheres, moldando-se de acordo com as realidades das regiões e seus contextos.

No caso da literatura inglesa medieval de autoria feminina, ou seja, no contexto anglo-saxônico, destacamos Juliana de Norwich e sua contemporânea Margery Kempe, que foram alvo de estudos apenas a partir da década de 1970. Associadas quase exclusivamente à teologia, foram afastadas dos estudos literários por muito tempo. No caso de Juliana de Norwich, sua única obra, *A Revelation of Love*, é pautada na experiência pessoal, escrita em língua vernácula (inglês medieval em detrimento do latim, escolha característica dos textos místicos das mulheres medievais), apresentando visões que teve de encontro com o divino enquanto estava se recuperando de uma doença grave. Como afirmam Cirlot e Garí (2021, p. 241), “na Inglaterra, no dia 13 de maio de 1373, uma mulher de trinta anos e meio de idade experimentou, ao longo de uma grave doença, ‘uma revelação de amor através de dezesseis visões’ (VL, 1, 2-3)”⁴⁴.

Após muitos anos, a primeira tradução para o português foi publicada pela Paulus em 2018, como parte da Coleção Clássicos do Cristianismo, e é de autoria de Marcelo Masson Maroldi, que escreve em sua *Apresentação* à referida tradução: “a presente tradução foi feita a partir da versão longa do texto mais antigo encontrado no Museu de Londres, na edição feita em 1901 por Grace Warrack, que o comparou com as outras versões existentes” (MAROLDI, 2018, p. 9). Percebemos que o tradutor deixa claro, neste paratexto, o texto fonte de sua tradução, ou seja, uma tradução do texto em inglês médio para o inglês contemporâneo, e apresenta a obra e sua autora.

A segunda é de autoria de Maria Elizabeth Hallak Nielson e foi publicada pela Editora Vozes na Série Clássicos da Espiritualidade, também em 2018. É importante notar que a tradutora não apresenta nenhum tipo de paratexto, como “apresentação”, “prefácio” ou “introdução” que indique qual o texto fonte de sua tradução. Nem mesmo é indicado a partir de qual versão, a curta ou a longa, é realizada a tradução, visto que a referida obra possui duas

⁴⁴ “En Inglaterra, el 13 de mayo de 1373, una mujer de treinta años y medio de edad experimentó, en el curso de una grave enfermedad, ‘una revelación de amor a través de dieciséis visiones’ (VL, 1, 2-3)”.

versões diferentes e vários manuscritos. No entanto, esta tradução traz um *Posfácio de um escriba*:

O manuscrito pertencente a Sloane intitula-se *Revelações a uma criatura inculta, Anno Domini, 1373*, e o cabeçalho de cada CAPÍTULO é composto por algumas linhas que prenunciam o seu conteúdo. Estes cabeçalhos estão numa linguagem similar à dos textos e, provavelmente, forem redigidos por um dos primeiros escribas que transcrevem esta obra (NORWICH, 2018, p. 9).

Pelo que podemos inferir desse adendo ao texto original, por parte de um escriba, devemos lembrar que, ao analisarmos textos medievais, precisamos ter em mente o trabalho dos escribas e dos monges copistas, visto que muitos textos na Idade Média precisavam ser ditados ou copiados por pessoas autorizadas para que pudessem passar pelo crivo da censura religiosa da época. Podemos, portanto, perceber que a tradução de Nielson foi feita a partir do manuscrito *Sloane* da British Library (c. 1650).

A terceira é de autoria de Marcelo Musa Cavallari e contém as versões curta e longa do referido texto. Foi publicada pela Penguin – Companhia das Letras em 2023. Segundo o tradutor, sua tradução foi feita do inglês médio, seguindo a edição de Nicholas Watson e Jacqueline Jenkins, *The Writings of Julian of Norwich* (2006), publicada pela The Pennsylvania State University. Contém uma “Introdução” e uma “Nota sobre a Tradução”, como é de costume nas publicações da Penguin. Interessante observar, assim, que o título dessa tradução é diferente das demais: *Revelações sobre o amor divino* em vez de *Revelações do Amor Divino* das anteriores.

Juliana de Norwich: uma contextualização

Juliana de Norwich foi, por muito tempo, condicionada à categoria de leitura exclusivamente teológica, distanciando-se dos estudos literários. Isto posto, neste momento, cabe-nos contextualizar o pouco que se sabe sobre sua vida, bem como o que caracterizaria sua obra como literatura mística. Inicialmente, temos o fato de que a única obra cuja autoria lhe foi atribuída foi a já mencionada aqui como objeto de estudo, escrita em inglês médio, provavelmente entre os anos de 1373 e 1395.

Muito possivelmente, foi ao longo de sua escrita que a escritora fez-se reclusa, passando a habitar uma pequena comunidade construída próxima aos muros da igreja Saint Julian, das monjas beneditinas de Carrow, em Norwich, fato que lhe atribuiu o nome “Juliana de Norwich”. Pouco se sabe sobre sua vida. Apesar disso, é possível resgatar alguns dados a partir de seus próprios escritos, pois neles constam sua idade e as circunstâncias de sua

experiência visionária (CIRLOT; GARÍ, 2021). Segundo a própria autora, ao longo de sua juventude, foram-lhe outorgadas três graças:

La primera la memoria de la Pasión. La segunda una enfermedad corporal. La tercera recibir de Dios tres heridas [...] la herida de la verdadera contrición, la herida de la compasión de amor, y la herida del anhelo de la voluntad de Dios. (NORWICH, VL, 2, 4-6, 19-20 *apud* CIRLOT; GARÍ, 2021, p. 242)

A doença a assolou de repente, de modo que, na quarta noite, recebeu os sacramentos, pois pensavam que não sobreviveria. Não podia mais mexer as pernas nem falar. No momento em que um sacerdote lhe mostrou a imagem de um crucifixo, suas visões/revelações iniciaram. Após intensas experiências visionárias durante todo o dia, Juliana é curada. Essa experiência mística, ou seja, de “união íntima com Deus como conteúdo e meta da experiência” e de “condição de experiência imediata na mediação da alma e o rastro que nela deixa a presença de Deus” (BINGEMER, 2022, p. 31), faz ressoar sobre ela a necessidade de refletir sobre a própria existência, causando uma angústia por, muitas vezes, não compreender adequadamente as revelações.

Entende-se que, quando copia a versão final de seu manuscrito, em 1393, já vivia reclusa, seguindo uma tradição formada no período. Nessa conjuntura, sobretudo entre os séculos XIV e XV, aumentava o número de mulheres que optavam por viverem reclusas, não apenas na Inglaterra, como também nas regiões francófonas da Europa da Baixa Idade Média. Entretanto, na Inglaterra, o fator diferencial é o distanciamento das ordens mendicantes. No caso das mulheres inglesas, havia, de fato, um acentuado interesse na vida eremítica e contemplativa.

É válido salientar que Norwich se constituiu como uma cidade de intensa vida religiosa, além de ter sido marcada pela peste negra e pelos movimentos heréticos. A crise nas formas de viver a espiritualidade não estava limitada apenas a seu contexto, posto que outras mulheres já tinham sido perseguidas, a exemplo de Marguerite Porete, morta em 1310 pela Inquisição. Não havia, portanto, um espaço propício para o exercício religioso além dos muros nem a liberdade para escrever sobre Deus em língua vernácula, algo que as místicas realizavam com maestria.

Juliana de Norwich escreve, dessa forma, um tratado teológico através da tentativa de explicar sua própria visão de Deus por meio das experiências místicas e do conhecimento adquirido delas. Ao construir imagens visionárias, a autora faz uso de analogias crísticas e da contemplação de símbolos (tais como o crucifixo) que também aparecem em obras de outras escritoras, como Marguerite d'Oingt e Angela de Foligno, inserindo-se num conjunto de

místicas que utilizam imagens com fins mediadores. A perspectiva teológica de interpretação de suas visões é, portanto, a de Cristo como Trindade, fazendo uso de metáforas para expressar visões corporais e espirituais, aspectos que desafiam o processo tradutório, sobretudo pela ênfase em determinadas expressões que denunciam as perspectivas do tradutor sobre a leitura da obra.

Traduzir do inglês médio: desafios e estratégias

A dificuldade em traduzir um texto como o da mística reside no aspecto relativo ao fato de se tratar de um texto medieval, escrito em *Middle English* (Inglês Medieval); nesse sentido, um tanto quanto diferenciado em termos de língua inglesa contemporânea. O inglês da anacoreta de Norwich ainda guarda resquícios muito presentes do *Old English*, ou *Anglo-saxão*, bem como a forte influência da língua francesa que, como se sabe, até meados do século XIV era a língua oficial da corte da Inglaterra. Sobre a dificuldade de se traduzir um texto medieval, escreve Long:

No entanto, as ferramentas fornecidas pela disciplina de estudos de tradução tendem a não aparecer nos estudos de história literária e cultural medieval. O medievalista argumentaria que o processo de tradução na época medieval não pode ser sensivelmente separado de seu contexto literário e cultural único, enquanto os estudos de tradução teorizam os processos de tradução sempre que eles ocorrem, empregando paradigmas que funcionam em qualquer contexto⁴⁵ (LONG, 2010, p. 61).

Portanto, pensar a tradução de textos medievais é algo que se faz necessário. Trazer o contexto da vida e da época da autora, como ressaltou Long, é, portanto, fundamental para uma maior compreensão de sua obra e, conseqüentemente, de sua tradução. Pouco se sabe sobre a vida da autora, como já bem ressaltamos anteriormente. De acordo com o tradutor Marcelo Maroldi (2018), a anacoreta

viveu de maneira simples e devotadamente, registrando seus pensamentos e emoções e, sobretudo, compartilhando conosco as revelações a ela transmitidas por Deus. São essas as revelações e visões que consideramos fundamental trazermos agora ao leitor de língua portuguesa. (MAROLDI, 2018, p. 5)

⁴⁵ “However, the tools provided by the discipline of translation studies tend not to feature in studies of medieval literary and cultural history. The medievalist would argue that the process of translation in medieval times cannot sensibly be separated from its unique literary and cultural context, whereas translation studies theorizes the processes of translation whenever they occur, employing paradigms that work whatever the context.”

Traduzir, portanto, um dos textos fundamentais para se compreender toda uma tradição de literatura de autoria feminina em língua inglesa constitui uma contribuição importante para pensarmos o impacto desse texto seja no âmbito religioso ou no contexto literário brasileiro.

Sobre a edição mais antiga da obra, escreve Alexandra Barratt, em seu artigo *Julian of Norwich and Her Children Today: Editions, Translations and Versions of Her Revelation*, que se trata da única cópia do texto curto em Londres, BL MS Additional 377790, datada de depois de 1435 de um exemplar de 1413 e que infere, a partir do início do texto, que autora ainda estaria viva naquele ano: “Aos monges cartuxos, que também preservaram a única cópia manuscrita do *The Book of Margery Kempe*, deve ser creditada sua preservação”⁴⁶ (BARRATT, 2009, p. 1). Fato interessante a ser destacado esse de que foram os mesmos religiosos que conservaram os textos de ambas as místicas inglesas. Haveria aí algum indício de uma tradição de espiritualidade feminina inglesa que teria sido conservada pelos monges para a posteridade? Haveria outras além de Juliana de Norwich e Margery Kempe? O fato é que, com a ascensão ao trono de Henrique VIII e a perseguição e destruição de instituições católicas na Inglaterra, muita coisa se perdeu.

Como se sabe, a tradução literária é vista por muitos tradutores como uma das mais complexas. Para muitos, a traduzibilidade do texto literário, muitas vezes, é vista como algo impossível e/ou difícil de ser alcançado: “A tarefa do tradutor é redimir, na própria, a pura língua, exilada na estrangeira, liberar a língua do cativeiro da obra por meio da tradução (*Umdichtung*)” (BENJAMIN, 2013, p. 117). No entanto, podemos observar que a tradução constitui um ato de (re)criação, no sentido de que esta transporta um universo cultural e linguístico de um sistema literário para outro, “pois na sua ‘pervivência’ (que não merecia tal nome, se não fosse transformação e renovação de tudo aquilo que vive), o original se modifica” (BENJAMIN, 2013, p. 107). Tentaremos, neste estudo, analisando as traduções da primeira revelação da obra, perceber as estratégias e escolhas utilizadas pelos tradutores ao verter a obra de Juliana de Norwich para o português brasileiro.

A tradução é vista, assim, como fundamental à cultura e à socialização das comunidades. Como observa Britto, “a tradução é uma atividade indispensável em toda e qualquer cultura que esteja em contato com alguma outra cultura que fale um idioma diferente [...]” (2012, p. 11). No caso da obra *A Revelation of Love* de Juliana de Norwich, percebemos como é de grande importância, para sua divulgação, suas traduções para a língua portuguesa, haja vista são as primeiras versões para o nosso vernáculo:

⁴⁶ “The Carthusian monks, who also preserved the unique manuscript copy of *The Book of Margery Kempe*, must be credited its preservation.”

No que concerne à recuperação das escritoras clássicas mediante sua reescrita em outras línguas, a tradução pode servir como instrumento para contextualizá-las, incorporando comentários nos quais as/os tradutoras/es debatam sobre as razões que levaram essas obras a serem ignoradas (CASTRO, 2017, p. 30).

Como já mencionamos anteriormente, o texto fora escrito em *Inglês Médio (Middle English)* acerca do ano de 1395. Sabe-se que o Padre Augustine Baker O. S. B. foi o principal responsável pela publicação impressa e divulgação desses manuscritos no século XVII: “A maioria dos manuscritos da *Revelation* existentes, bem como a primeira edição impressa, foram produzidos no século XVII, e os escritos de Baker podem informar uma compreensão de seu contexto de leitura”⁴⁷ (DUTTON, 2005, p. 1). Tal constatação amplia o desafio que propõe à realização de tal empreitada. No entanto, sabemos que a tradução de uma obra de tal alcance para os estudos da literatura inglesa no sistema literário brasileiro é de grande contribuição para o mesmo, bem como dos estudos de gênero e literatura, dado o pioneirismo da autora.

Traduzir, portanto, um texto produzido na Idade Média constitui desafiadora empreitada, e o texto da autora inglesa traz uma série de peculiaridades estilísticas. De acordo com Windeatt, “[...] muito do que é agora visto como característica do estilo e da linguagem de Juliana é trabalho do texto longo, no qual Juliana ganha controle do que anteriormente parecia incontrolavelmente problemático e tal maestria é refletida estilisticamente” (2015, p. xxiv)⁴⁸. Seus escritos revelam ter sido a autora uma mulher do século XIV que provavelmente recebeu educação monástica, mas que possuía um diferencial em relação à visão corrente do conceito do Deus cristão.

Não só no contexto teológico, mas também no contexto do cânone literário inglês medieval, Juliana rompe paradigmas relacionados ao fato de, até bem recentemente, mal se falar em mulheres autoras na Idade Média. Sua visão de Jesus Cristo como “Mãe” já proporciona uma série de desafios para o/a tradutor/a ao se debruçar sobre sua obra. A imagem feminina de Deus, por meio da revelação de Deus como mãe constitui hoje um dos aspectos que mais chama atenção e motiva estudos sobre a obra de Juliana de Norwich.

Veremos adiante, nas análises das traduções, como as editoras com vínculo religioso, trazem as marcas do aspecto devocional e/ou doutrinário, em detrimento do aspecto literário

⁴⁷ “The majority of extant *Revelation* manuscripts, as well as the first printed edition, were produced in the seventeenth century, and Baker’s writings may inform an understanding of their reading contexto.”

⁴⁸ “[...] much of what is now viewed as Julian’s characteristic style and language is the work of the long text, where Julian gains control of what previously seemed uncontrollably problematic, and such mastery is reflected stylistically.”

apontado por muitos estudiosos da literatura inglesa, como Michael Alexander, que vê Juliana de Norwich como a “[...] mais refinada escritora espiritual inglesa antes de George Herbert, e a primeira grande escritora da prosa inglesa” (2007, p. 48). No caso da tradução mais recente, de Marcelo Musa Cavallari (2023), observamos uma tentativa do tradutor no sentido de uma tradução mais literal de seu texto, talvez buscando uma aproximação do teor também literário do texto. Seu estilo demonstra uma autora que devotava grande importância e cuidado em relação ao que produziu, o que atesta a qualidade literária do seu texto e as revisões que a autora fez em relação à versão curta do texto original.

Neste momento, nos deteremos sobre a análise das duas traduções da “Primeira revelação” das *Revelações do Amor Divino* de Juliana de Norwich. Vale ressaltar uma peculiaridade em relação ao título escolhido pelos dois primeiros tradutores. Sabe-se que, nos textos originais, temos o seguinte título: *A Revelation of Love*. Sobre essa questão, escreve Marion Glasscoe:

Desde a publicação em 1670 da edição de Cressy das revelações de Juliana como *XVI REVELATIONS of Divine Love, Shewed to a Devout Servant of our Lord, called MOTHER JULIANA...* As edições da versão longa têm sido intituladas *Revelações do Amor Divino (Revelations of Divine Love)*. A própria Juliana, no entanto, embora certamente falasse de revelações no plural, tinha um sentido definido de todas elas se combinando numa experiência total, a qual ela chama simplesmente de uma revelação do amor (GLASSCOE, 1993, p. xii)⁴⁹.

Podemos perceber a clara influência religiosa de Serenus Cressy, ele mesmo um religioso do século XVII, no sentido de atribuir uma qualidade “divina” às revelações escritas pela anacoreta inglesa. Glasscoe ainda acrescenta que, em sua própria edição do texto juliano, adota o título que teria sido proposto originalmente por Juliana: “Esta edição adota como título *Uma Revelação do Amor (A Revelation of Love)* pois é assim que Juliana chama suas visões e porque se sente que essa forma está mais de acordo com o que ela quis dizer ao relatar sua experiência” (GLASSCOE, 1993, p. xiii)⁵⁰. Concordamos com Glasscoe, visto que acrescentar o “Divino” ao título de certa forma descaracteriza uma experiência visionária que é vivida tanto no âmbito religioso, quanto no âmbito carnal ou humano.

⁴⁹ “Since the publication in 1670 of Cressy’s edition of Julian’s revelations as *XVI REVELATIONS of Divine Love, Shewed to a Devout Servant of our Lord, called MOTHER JULIANA...* editions of the longer account have been titled *Revelations of Divine Love*. Julian herself, however, although she certainly talks of revelations in the plural, has a definite sense of them all combining into one total experience which she calls simply a revelation of love.”

⁵⁰ “This edition adopts for its title *A Revelation of Love* because that is what Julian calls her shewings and because it is felt that it more justly relates to her account of her experience.”

A primeira revelação tem início a partir do capítulo IV até o IX. Na tradução de Maroldi, ela vai da página 27 a 42, ao passo que, na de Nielson, ela vai da página 17 a 32. Já podemos perceber algumas diferenças entre as duas: a de Maroldi soa mais objetiva e menos poética, ou, talvez, menos subjetiva. Comparemos as duas epígrafes, em itálico em ambas as traduções, que abrem as revelações. Vejamos a tradução de Marcelo Maroldi: “Vi como se eu estivesse no tempo de sua paixão. E na mesma visão, repentinamente, a Trindade preencheu meu coração com a máxima alegria” (NORWICH, 2018, p. 27). Vejamos agora o mesmo trecho em tradução de Elizabeth Nielson: “Eu vi... como se fosse no tempo da Sua Paixão... E de súbito, ainda nessa mesma Visão, a Trindade inundou meu coração de uma alegria suprema” (NORWICH, 2018, p. 17).

Nos trechos acima citados, como dito anteriormente, podemos perceber uma maior elaboração poética da parte de Nielson: algumas expressões e palavras como “Sua Paixão”, “Visão” e “Trindade” são todas grafadas com maiúsculas, o que confere um destaque a esses aspectos teológicos das revelações, algo que podemos perceber na tradução de Maroldi apenas na palavra “Trindade”, que também é destacada, visto que a doutrina da Trindade é um dos fundamentos do cristianismo católico. Na tradução de Nielson, vemos o uso do verbo “inundar” em vez de “preencher” usado por Maroldi, e ainda “alegria suprema” da tradutora em vez de “máxima alegria” do tradutor, vocábulos que aproximam o uso dos verbos e dos adjetivos de um sentido hiperbólico da experiência de Juliana por parte de Nielson.

Por sua vez, Cavallari traduz esse resumo prévio do capítulo quarto:

Aqui começa a primeira revelação da preciosa coroação de Cristo etc. no primeiro capítulo, e como Deus enche o coração com a maior alegria, e de Sua grande humildade, e como a vista da Paixão de Cristo é força suficiente contra todas as tentações dos inimigos, e da grande excelência e humildade da beata Virgem Maria. O quarto capítulo. (NORWICH, 2023, p. 92)

Já podemos observar aqui uma grande diferença, posto que é um texto completamente diferente dos anteriores. O tradutor, em nota de rodapé (CAVALLARI, 2023, p.92), destaca que esse resumo do capítulo consta apenas no manuscrito S do texto longo e deve ser obra de um copista e não da própria Juliana. Além disso, é provavelmente anterior à data que o manuscrito S foi produzido.

Mais diante, temos o seguinte trecho na tradução de Elizabeth Nielson: “*“Benedicite Domine!*”, exclamei com voz vigorosa, tomada de um assombro respeitoso. Espantava-me e admirava-me que Ele, tão digno de veneração, tão portentoso, desejasse ter tamanha intimidade com uma criatura pecadora, revestida de carne ignóbil” (NORWICH, 2018, p. 17).

No manuscrito *Sloane*, que Nielson usa como texto fonte, temos o seguinte em inglês médio: “And I said: ‘Benedicite Domine!’ This I said, for reverence in my meneing, with a mighty voice; and full gretly was atonyed for wonder and mervek that I had tha he that is so reverend and dredfull will be so homey with a synfull creture liveing in wretched flesh” (NORWICH, 1993, p. 6). Percebemos aí uma tradução que constitui praticamente uma metáfrase do texto fonte e estrangeirizante no sentido de que Nielson conserva inclusive a expressão em latim “*Benedicite Domine!*”, assim como Cavallari traduz: “E eu disse: ‘*Benedicite, Dominus*’ [...]”. (NORWICH, 2023, p.94). Ambos conservam a saudação em latim, e Cavallari (2023, p.34) acrescenta, na nota de rodapé 18 à sua tradução do texto curto, que isso poderia ser um indício, por parte de muitos comentadores de que Juliana teria sido monja beneditina.

Curiosamente, a mesma expressão será traduzida por Maroldi da seguinte forma: “E eu disse: ‘Bendito seja o Senhor!’[...]” (NORWICH, 2018, p. 27). Tal estratégia domestica a expressão latina do texto fonte, mas, a nosso ver, descaracteriza um dos pontos fundamentais de discussão acerca da literatura de autoria feminina medieval: a questão de se essas mulheres eram ou não “letradas”. Sabe-se que a grande maioria das místicas medievais, grupo de autoras do qual Juliana de Norwich, Teresa d’Ávila, Hildegard von Bingen, Marguerite Porète, entre outras, registravam em seus textos que eram “pobres criaturas iletradas”, que não tinham nenhum conhecimento formal etc. Hoje se sabe que isso constituía uma estratégia de burlar a censura eclesial da época que não via com bons olhos textos produzidos por mulheres. Além disso, essa “iletrada” poderia significar que elas não possuíam conhecimentos das “letras”, ou seja, não possuíam conhecimento do latim, língua oficial do clero, ou conhecimentos teológicos⁵¹. Ao exclamar em latim, Juliana contraria o lugar comum e, ao longo de seu texto, percebemos, sim, o conhecimento do latim e de profundas questões teológicas como a da Trindade.

Ao trazer para o português a expressão latina, Maroldi, ao passo que domestica e facilita para o leitor interessado mais no aspecto devocional do texto, perde esse aspecto fundamental para a compreensão dessas interdições medievais. Em nossa análise, consideramos aqui, de acordo com Antoine Berman, um caso de *empobrecimento qualitativo*: “ele remete à substituição dos termos, expressões, modos de dizer etc. do original por termos expressões, modos de dizer, que não têm nem sua riqueza sonora, nem sua riqueza significativa ou –

⁵¹ No mundo medieval, é comum encontrarmos mulheres que, mesmo escrevendo em latim, chamam a si mesmas de “iletradas”, a exemplo de Hildegarda de Bingen. Esse termo diz mais respeito à suposta ignorância que caracteriza os laicos frente aos clérigos, como afirmam Cirlot e Garí (2021, p. 244). As mesmas autoras destacam que “en la forma en que Juliana utiliza aquí la expresión se descubre pues el *topos* de modestia”.

melhor – *icônica*” (BERMAN, 2007, p. 53) (Grifos do autor). A expressão usada por Juliana no texto fonte enobrece e exalta.

No capítulo VII, no qual é citada Maria, Marcelo Maroldi traduz:

E para nos ensinar isso, segundo compreendi, Nosso Senhor Deus me mostrou ao mesmo tempo **Nossa Senhora Santa Maria**, isto é, a mais alta sabedoria e verdade que ela tinha ao contemplar seu Criador, contemplando quão grandioso, quão sagrado, quão poderoso e quão bondoso era seu Deus (NORWICHa, 2018, p. 35) (Grifos nossos).

Marcelo Cavallari assim traduz para o português:

E para nos ensinar isso, segundo o meu entendimento, nosso bom Senhor mostrou-me, no mesmo tempo, **Nossa Senhora, Santa Maria**: quer dizer, a alta sabedoria e confiança que ela tinha em contemplação de seu Fazedor. Essa sabedoria e confiança fizeram-na contemplar seu Deus tão grande, tão alto, tão poderoso e tão bom. (NORWICHc, 2023, p.101). (Grifos nossos)

Já Elizabeth Nielson traduz o mesmo trecho da seguinte forma:

De acordo com a minha compreensão, foi para nos transmitir um ensinamento que o Nosso Senhor Deus nos mostrou a **Virgem Santa** nesta mesma Revelação, a fim de expressar a excelsa Sabedoria e Verdade que dela se apossaram ao contemplar o seu Criador – Aquele que é só Generosidade, só Sublimidade, só Poder e só Bondade (NORWICHb, 2018, pp. 24-25) (Grifos nossos).

Façamos uma análise da tradução desse trecho da primeira revelação, para concluirmos nosso estudo. Como podemos observar, há uma série de escolhas tradutórias interessantes nesse trecho: a primeira escolha destacada é como cada um dos tradutores traduz a expressão original do *Sloane* para Maria (“Saint Mary”) por “Nossa Senhora Santa Maria” na tradução de Maroldi e “Virgem Maria” por Nielson. No primeiro caso, temos um alongamento (BERMAN, 2007, p. 51), um “[...] acréscimo que não acrescenta nada, que só aumenta a massa bruta do texto, sem aumentar sua falância ou sua significância”. No segundo caso, temos uma substituição do “Santa” por “Virgem”, o que se relaciona muito bem com a visão de Maria como a “Virgem Mãe de Jesus”, nos remetendo ao culto marital da Idade Média e à exaltação da virgindade como virtude no meio eclesiástico.

A tradução de Nielson também traz, novamente, vários adjetivos e substantivos grafados com maiúsculas, dando um efeito de exaltação ou ênfase, o que difere de Maroldi e de Cavallari, que deixam o texto mais objetivo e, portanto, mais doutrinário. Podemos

observar que, nesse caso, as três traduções conservam o contexto devocional da obra, apesar de que a de Nielson amplia e traz um pouco mais dos aspectos literários do texto traduzido.

Considerações finais

Sendo assim, observamos que a obra *A Revelation of Love*, da anacoreta Juliana de Norwich, permanece como representativa de uma tradição de autoras pioneiras ao transgredir a imagem tradicional do divino na Idade Média e ao mostrarem as mulheres como produtoras de conhecimento numa época de censuras e perseguições. Traduzir a obra da mística e autora inglesa, pioneira dos escritos de autoria feminina das literaturas de língua inglesa é de suma importância para um maior conhecimento e aprofundamento de seus estudos dentro do sistema literário brasileiro.

As traduções aqui analisadas, de Marcelo Masson Maroldi, Elizabeth Hallak Nielson e Marcelo Musa Cavallari, merecem todo o nosso respeito e consideração pelo seu pioneirismo em trazer um texto de ampla complexidade teológica e literária para a língua portuguesa e atestam a sua vinculação religiosa à proposta editorial das duas primeiras editoras – e uma mais literal e literária da terceira – pelas quais publicaram. Observamos, no entanto, a necessidade de traduções da mesma obra, focando nos aspectos literários ricamente apresentados na obra para que o/a leitor/a brasileiro/a possa ter acesso ao universo metafórico e poético da mística de Norwich.

Referências

- BAKER, Denise N. (Ed.). **The Showings of Julian of Norwich**. (A Norton Critical Edition). New York: W.W. Norton & Company, 2005.
- BALE, Anthony. Introduction. In: KEMPE, Margery. **The Book of Margery Kempe**. Tradução de Anthony Bale. Oxford: OUP, 2015.
- BARRATT, Alexandra. Julian of Norwich and Her Children Today: Editions, Translations, and Versions of Her Revelations. In: SALIH, S.; BAKER, D. N. (Eds.) **Julian of Norwich's Legacy**. The New Middle Ages. New York: Palgrave Macmillan, 2009.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. O conceito. In.: LOSSO, Eduardo Guerreiro; BINGEMER, Maria Clara; PINHEIRO, Marcus Reis. (orgs.). **A mística e os místicos**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022. p. 23-36.
- CIRLOT, Victoria; GARÍ, Blanca. Juliana de Norwich: “Todo acabará bien”. In.: _____. **La Mirada Interior**. Mística Femenina en la Edad Media. Espanha: Siruela, 2021. p. 241-268.

DUTTON, Elisabeth. Augustine Baker and Two Manuscripts of Julian of Norwich's Revelation of Love. **Notes and Queries**, New Series 52, no.3 (Sep. 2005) 329-37. Disponível em:

<http://nq.oxfordjournals.org/content/52/3/329.full.pdf+html?sid=eccc24cd-9517-4c8f-a0b5-96e1a1c2b026>. Acesso em: 29 ago. 2021.

NORWICHa, Juliana de. **Revelações do Amor Divino**. Tradução de Marcelo Masson Maroldi. São Paulo: Paulus, 2018. (Coleção Clássicos do Cristianismo).

NORWICHb, Juliana de. **Revelações do Amor Divino**. Tradução de Maria Eizabeth Hallak Nielson. Petrópolis: Vozes, 2018. (Série Clássicos da Espiritualidade).

NORWICHc, Juliana de. **Revelações sobre o amor aivino**. Tradução de Marcelo Musa Cavallari. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2023.

TROCH, Lieve. Mística feminina na Idade Média: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. In.: **Revista Graphos**, v. 15, n. 1, 2013.

WINDEATT, Barry (Trad.). **Revelations of Divine Love**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

WINDEATT, Barry (Ed.). **The Book of Margery Kempe**. Annotated Edition. Cambridge: D. S. Brewer, 2004.